

Roma locuta, causa finita?

Sobre a ordenação de mulheres na Amazônia

Erwin Kräutler

Cadernos de Estudo N°. 001 | Março de 2024



Observatório
Latino-americano
da Sinodalidade

Roma locuta, causa finita?

Sobre a ordenação de mulheres na *Amazônia*

Erwin Kräutler

Tradução: Luis Miguel Modino



Observatorio
Latinoamericano
de la Sinodalidad

Cadernos de estudo N°. 001 | Março de 2024

Cadernos de estudo do OLS - No. 001 - Março de 2024

Título original em alemão: Roma locuta, causa finita? Zur Ordination von Frauen am Amazonas.

ISBN: 978-9915-9342-8-0

Primera edição: 50 exemplares.

* * *

Conselho do Observatório Latino-americano da Sinodaliade

Agenor Brihthenti

Silvia Cáceres

Eduardo Guimarães

Moema Miranda

Alejandro Ortiz

João Décio Passos

Carlos Schickendantz

Consuelo Vélez

Autor

Erwin Krätler

Direção Editorial

Óscar Elizalde Prada

Rosario Hermano

Revisão de provas

Óscar Elizalde Prada

Tradução

Luis Miguel Modino

Colaboração

Helena Jappesen

Design gráfico

Giovanny Pinzón Salamanca

Design e layout

Milton Ruiz Clavijo

Capa:

Milton Ruiz Clavijo

© 2024, Observatório Latino-Americano da Sinodalidad

Juana de Arco 3324 - CP 11700

Montevideu - Uruguai.

Telefone: (598) 99 177 138

E-mail: observatoriosinodalidad@gmail.com

www.observatoriosinodalidad.org

O Observatório Latino-americano de Sinodalidade é liderado pela Fundación Amerindia e apoiado pela Porticus. Esta publicação pode ser reproduzida com citação da fonte.

Roma locuta, causa finita?

Sobre a ordenação de mulheres na Amazônia*

Em 8 de setembro de 1896, Teresa de Lisieux escreveu para sua irmã Maria: “Sinto-me chamada a ser sacerdote. Ó Jesus, com que amor eu o seguraria em minhas mãos, com que amor eu o daria aos fiéis! Apesar de minha pequenez, gostaria de levar luz às pessoas, como fizeram os profetas e os doutores da Igreja. Sinto-me chamada a ser um apóstolo. Eu queria viajar pelo mundo para proclamar Seu Nome”¹.

Minha irmã Ermelinde, que faleceu em 4 de janeiro de 2020, era freira e trabalhou como assistente pastoral por décadas na paróquia de St. Martin em Dornbirn, Vorarlberg. Com grande alegria, ela liderava grupos bíblicos e, com a permissão do pároco, fazia o sermão nos cultos de domingo, que preparava cuidadosamente e com grande sensibilidade, pois conhecia as necessidades e preocupações, as alegrias e esperanças das pessoas. Ela era muito próxima das famílias de sua comunidade, defendia os menos favorecidos, acompanhava os enlutados e organizava serviços

funerários. Quando eu estava na Áustria, ela me perguntava repetidamente: “Por que, pelo amor de Deus, sou excluída da ordenação, só porque sou mulher?” Ela já morreu, mas sua pergunta ainda arde em meu coração.

Por que não é permitido que as mulheres sejam ordenadas? Até hoje, não encontrei uma resposta que me convença. E sei que não existe uma resposta realmente convincente. O fato de o Papa João Paulo II, em sua exortação apostólica *Ordinatio Sacerdotalis*, de 22 de maio de 1994, ter se referido à “constituição divina da Igreja” para dizer que “a Igreja (não tem) autoridade alguma para ordenar mulheres ao sacerdócio” e, além disso, ter afirmado enfaticamente que “todos os fiéis da Igreja devem definitivamente acatar essa decisão” (OS 4), me entristece.

Como o Papa pôde afirmar, como se fosse ‘*de fide revelata*’, como uma vontade divina revelada para sempre, que nunca seria permitido conferir Ordens Sagradas a uma mulher? A formulação usada por João Paulo II é quase como proclamar uma declaração de fé ‘*ex cathedra*’. Mas uma exortação apostólica não é uma proclamação de dogma. Portanto, eu deveria ter permissão para questionar essa decisão papal.

A tese de que o sacerdote, por agir na pessoa de Cristo, deve ser um homem e que “ser-homem” é, portanto, um elemento sacramental indispensável, é difícil de entender e sustentar. Os evangelhos foram escritos em um espaço cultural patriarcal no qual as mulheres desempenhavam um papel submisso aos homens e eram até mesmo tratadas como ‘imaturas’. Jesus viveu nesse espaço cultural específico, mas rompeu repetidamente com a tradição. Basta pensar em seu encontro com a mulher de Samaria (cf. Jo 4), que irritou até mesmo seus discípulos. Pense nas mulheres

que o acompanharam desde a primeira hora de sua vida pública (cf. *Lc 8, 2-3*)².

Vivemos agora no século XXI e há muito tempo as mulheres foram reconhecidas como iguais aos homens, têm a mesma educação e qualificações e são líderes em muitas esferas sociais, econômicas e políticas. Ao longo de dois milênios, os Evangelhos não foram sempre ‘inculturados’ nas respectivas culturas? Só não quando se trata da ordenação sacerdotal, da presidência da celebração eucarística, da administração da unção dos enfermos e da absolvição sacramental?

O Papa João Paulo II invoca seu ministério “para fortalecer os irmãos” (*Lc 22:32*) e, ao fazê-lo, tira essa palavra de Jesus do contexto. É o último encontro com os discípulos antes de o Senhor ser traído, preso e condenado à morte. Jesus se dirige a seus amigos mais próximos, fala do que está prestes a acontecer e também diz muito claramente: “Esta noite todos vocês ficarão escandalizados” (*Mt 26:31*). Nesse contexto, Jesus se dirige a Simão Pedro: “Simão, Simão, Satanás os chamou para peneirá-los como trigo na peneira; mas eu roguei por você, para que a sua fé não desfaleça. Mas eu roguei por você, para que sua fé não desfaleça. E você, quando tiver recuperado sua confiança, ajude seus irmãos a permanecerem firmes” (*Lc 22, 31-32*). Não é compreensível derivar dessa mesma palavra de Jesus a Pedro, diante de sua morte, a autoridade papal para proibir definitivamente a ordenação de mulheres ao sacerdócio³.

Uma questão irrevogável?

Então, essa decisão papal parece irrevogável. Ou não? Em relação à celebração da missa no rito prescrito por Pio V em 1570, o Papa Francisco reverteu uma decisão tomada por seu antecessor, o Papa Bento XVI⁴. Há reversões bastante explícitas de decisões papais. Apenas dois exemplos: o Papa Pio IX condenou a liberdade religiosa. O Concílio Vaticano II decidiu exatamente o oposto na declaração *Dignitatis humanae*: “o Concílio Vaticano declara que a pessoa humana tem o direito à liberdade religiosa⁵” (DH 2). Pio X rejeitou a interpretação crítica do texto da Bíblia e exigiu o juramento antimodernista de todos os clérigos⁶. Pio XII falou sobre a importância da crítica textual em sua encíclica *Divino Afflante Spiritu*, de 1943. O Papa Paulo VI aboliu o juramento antimodernista em 1967 e o substituiu por uma profissão de fé. No decorrer da história da Igreja, muitas vezes as declarações papais foram declaradas nulas e sem efeito, embora às vezes apenas na forma de um descuido ou de passagem.

Todos os argumentos que têm circulado repetidamente de que somente os homens podem receber validamente a ordenação sacerdotal e que as mulheres estão excluídas do sacramento da ordenação são incompreensíveis e são apagados diante da realidade em que vivemos como Igreja na Amazônia. O Concílio Vaticano II e as Conferências Episcopais da América Latina mudaram a face da Igreja nesses países e deram origem a uma nova forma de vida eclesial. Em particular, a Assembleia dos Bispos da Amazônia em Santarém (1972)⁷, que se seguiu à de Medellín (1968)⁸, teve uma influência duradoura nas dioceses. Essa assembleia priorizou a formação de mulheres e homens como líderes e executivos da igreja. Milhares de pequenas Comunidades Eclesiais de Base surgiram e, em sua maioria, ainda existem hoje.

A dimensão samaritana da ajuda mútua, especialmente em relação aos pobres e marginalizados, uniu-se à dimensão profética do compromisso com a dignidade e a defesa dos direitos de todos: mulheres, crianças, indígenas, afro-brasileiros e outros grupos étnicos e minorias frequentemente discriminados. Esse compromisso com os direitos e a justiça se traduziu até mesmo no martírio de irmãs e irmãos que demonstraram seu amor até o extremo com o próprio sangue (cf. Jo 13,1 - 19,30). As Comunidades Eclesiais de Base se consideram uma família de todas as famílias em uma determinada localidade ou região fluvial e se reúnem aos domingos para o “culto dominical” e, às vezes, também nos dias de semana para orar juntos ou discutir problemas atuais. Atualmente, pelo menos dois terços dessas comunidades são lideradas por mulheres.

Durante minha primeira visita *ad limina* a João Paulo II em 1985, o Papa me perguntou sobre o número de padres no Xingu. Ele estava sentado à mesa grande de sua biblioteca particular, debruçado sobre um atlas gigante. Eu lhe mostrei no mapa a maior diocese do Brasil em termos de área, que correspondia aproximadamente à área total da Alemanha, e lhe disse que havia apenas 16. Ele olhou para cima e, quase em tom de reprovação, disse: «Muito poucas! Então respondi: «Mas há também os leigos, mulheres e homens, que assumem responsabilidades nas comunidades!» «Comunidades de base?», ele demonstrou seu interesse. «Sim», respondi, «as Comunidades Eclesiais de Base, porque elas são o lugar onde a Igreja vive». Até hoje não sei como tive a coragem de corrigir o Papa na época e salientar que as comunidades de base são comunidades “eclesiais”, que lembram as comunidades eclesiais originais, as comunidades das casas.

Sem sacerdote, sem Eucaristia

No entanto, essas comunidades não têm padre, o que significa que as pessoas às vezes só veem o padre uma ou duas vezes por ano, ou nem isso, e apenas por algumas horas, porque ele está viajando e precisa ir para a próxima comunidade. Portanto, essas paróquias são praticamente não apenas “sem padre”, mas também “sem eucaristia”.

Anos antes de o Papa Francisco convocar o Sínodo Pan-Amazônico, os bispos da Amazônia brasileira escreveram no documento final de uma de suas assembleias: “estamos profundamente entristecidos pelo fato de que milhares de nossas paróquias estão excluídas da Eucaristia. A maioria delas só tem a graça de celebrar a memória da paixão, morte e ressurreição do Senhor uma, duas ou três vezes por ano. O Senhor, na véspera de sua paixão, não deu apenas um conselho, mas uma ordem explícita: ‘Fazei isto em memória de mim’ (1 Cor 11,24; Lc 22,19)”.

O decreto *Presbyterorum Ordinis* do Concílio Vaticano II declara que a Eucaristia é a fonte e o ápice de toda a evangelização (cf. PO 5). “A comunidade cristã é edificada somente se tiver sua raiz e seu pivô na celebração da Eucaristia; dela, portanto, deve proceder toda orientação para o espírito de comunhão” (PO 6). A constituição dogmática *Lumen Gentium* também fala da Eucaristia como “fonte” e “ápice de toda a vida cristã” (LG 11). Portanto, é urgente criar estruturas em nossa paróquia para que todas as comunidades excluídas da missa dominical possam participar da «fração do pão» (Atos 2:42), para celebrar o “sacramento da misericórdia amorosa, o sinal da unidade, o vínculo do amor, a refeição pascal” (SC 47)⁹.

Quem pode imaginar uma paróquia católica na qual “não há celebração eucarística na Páscoa, Pentecostes ou Natal” e “a Semana Santa é uma semana como qualquer outra”? “Que uma comunidade construa uma capela sem altar porque só celebra a Palavra e não precisa um altar para isso? Um ambão igual nas igrejas protestantes é suficiente!” “Não há um sacerdote que viva na paróquia e com ela, que acompanhe as famílias e também as console “quando um ente querido morre; (...) na próxima visita, sabe-se lá quando, talvez no próximo ano (ele) fique sabendo da morte de um paroquiano”¹⁰.

Agora, porém, como já foi mencionado, em pelo menos dois terços dessas comunidades as mulheres assumiram responsabilidades de liderança! Elas são as protagonistas da vida da igreja nas Comunidades de Base, presidem o culto dominical da Palavra, pregam, têm a permissão do bispo para batizar crianças e também para participar de casamentos na igreja. Mas não há Eucaristia!

No entanto, João Paulo II escreveu em sua encíclica *Ecclesia de Eucharistia*, na Quinta-feira Santa, 17 de abril de 2003: “A Igreja vive da Eucaristia. Essa verdade não apenas expressa uma experiência cotidiana de fé, mas contém em síntese o núcleo do mistério da Igreja” (EE 1). Assim, as Comunidades “Eclesiais” de Base carecem do que é mais importante para sua vida. Portanto, na realidade, elas não são totalmente eclesiais. A legislação da Igreja e as decisões papais, como a *Ordinatio Sacerdotalis*, são totalmente responsáveis por essa falta de Eucaristia. Enquanto as mulheres e os homens casados forem excluídos do sacerdócio ordenado, não haverá celebração da Eucaristia em milhares de comunidades cristãs lideradas por eles - novamente, dois terços delas são mulheres! Não há absolvição sacramental e 95% dos fiéis ficam sem a Unção dos Enfermos e morrem sem o Viático! -.

As mulheres na Igreja primitiva

Repetidamente, quando se trata de dizer não à ordenação de mulheres, é feita referência à exigida “adequação da revelação”. Os defensores de uma ordenação exclusivamente masculina nem mesmo se abstêm de citar Paulo em 1 Coríntios: “Como é costume em todas as igrejas, as mulheres devem permanecer caladas na assembleia; não lhes é permitido falar” (1 Cor 14:33-34). Se essa ordem ainda estivesse em vigor hoje, qual seria a situação das igrejas na Amazônia e em outras regiões? O fato é que a primeira comunidade cristã em solo europeu se reuniu em torno de uma mulher: “uma mulher chamada Lídia, comerciante de púrpura da cidade de Tiatira, estava ouvindo; ela era uma mulher piedosa, e o Senhor abriu seu coração para ouvir atentamente as palavras de Paulo” (Atos 16:14). E o mesmo capítulo de Atos continua dizendo: “Da prisão, os dois foram até Lídia. Ali se encontraram com os irmãos, encorajaram-nos e seguiram seu caminho» (Atos 16:40).

Não há absolutamente nenhuma evidência de que um homem sempre presidia a Eucaristia na Igreja primitiva. Paulo escreve de Éfeso para os coríntios na primavera de 54: “As igrejas da província da Ásia os saúdam. Áquila e Priska e sua família lhes enviam saudações no Senhor” (1 Cor 16:19). Na Carta aos Romanos, que ele escreveu em Corinto no ano 55 ou 56, ele envia suas mais calorosas saudações a Andrônico e Junia¹¹, “que são do meu povo e estavam na prisão comigo; eles são apóstolos respeitados e confessaram Cristo diante de mim” (Rm 16:7). A igreja doméstica manteve “o ensinamento dos apóstolos”, viveu “em comunidade”, reuniu-se para “partir o pão” e “orações”, como a celebração da Eucaristia era chamada na igreja primitiva (cf. Atos 2, 42).

Nas passagens bíblicas que falam da Eucaristia, apenas o mandamento geral do Senhor é mencionado: “Fazei isto em memória de mim” (Lc 22:19 e 1Co 11:24), mas não é especificado com mais precisão quem - se homem ou mulher (Lídia? Priska? Júnia?) - preside a celebração ‘in persona Christi’. O fato de as mulheres não serem mencionadas na Última Ceia não pode ser citado como prova de que Jesus “apenas” encarregou os homens de celebrar sacramentalmente a comemoração de sua morte e ressurreição. Se fosse assim, somente os homens poderiam participar da celebração da Eucaristia. Paulo também não fala sobre quem de fato preside a celebração eucarística na comunidade “in persona Christi”.

O fato de que as mulheres eram líderes na igreja não pode ser contestado, e que as mulheres eram diaconisas ordenadas por um bispo naquela época é algo que ninguém vai querer provar com citações do Novo Testamento. Da mesma forma, a ordenação de sacerdotes no sentido e no rito atuais não pode ser provada por passagens dos Evangelhos, dos Atos dos Apóstolos ou das Epístolas de Paulo.

É simplesmente uma questão de necessidades pastorais de nosso tempo, e não de historiografia!

Notas

- * Este texto foi publicado originalmente em alemão, na revista *Stimmen Der Zeit* (março de 2022), com o título: *Roma locuta, causa finita?: Zur Ordination von Frauen am Amazonas*. Com as gestões de Helena Jappesen, de Fastenaktion (Suíça), foi possível a autorização para sua publicação em espanhol e em português.
- 1 LISIEUX, Teresa (2009). *Obras Completas de Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa Face. Manuscrito B*. São Paulo: Paulus.
- 2 O evangelista Lucas menciona as mulheres junto aos discípulos. No texto original grego *καί* equivale a ‘e’, além, ‘juntos’, no mesmo rango, no mesmo nível.
- 3 Porém, o Papa João Paulo II conseguiu que seus sucessores no ministério petrino tiveram muito difícil revogar essa decisão sua.
- 4 Com o decreto *Traditionis Custodes*, de 16 de julho de 2021, o Papa Francisco estabeleceu o Rito Ordinário da Missa como a “única expressão” do Rito Romano. Bento XVI tinha aprovado em geral a denominada Missa Tridentina com seu motu próprio *Summorum Pontificum*, de 7 de julho de 2007. Francisco restringiu de novo essas celebrações.
- 5 Cf. PÍO IX (1864). *Encíclica Quanta cura*, de 8 de dezembro de 1864.
- 6 Cf. PÍO X (1910). *Motu proprio Sacrorum Antistites*, de 1º de setembro de 1910.
- 7 O *Documento de Santarém* é o resultado do encontro dos então 22 bispos da Amazônia brasileira em Santarém, Pará (Brasil), de 24 a 30 de maio de 1972.
- 8 II Assembleia Geral do Episcopado Latino-americano, Medellín, 24 de agosto a 6 de setembro de 1968.
- 9 No Sínodo Pan-Amazônico, o diaconato das mulheres e a ordenação dos homens casados ficaram relatados no documento final apresentado oficialmente pelo Papa Francisco em sua exortação apostólica *Querida Amazonia*, que “nos oferece as conclusões do Sínodo, onde tem colaborado muitas pessoas que conhecem os problemas da Amazônia melhor do que eu e que a Cúria Romana, pois vivem lá, sofrem com ela e a amam apaixonadamente” (QA 3). Porém, infelizmente não abordou o diaconato das mulheres e a ordenação de homens casados em *Querida Amazonia*.
- 10 Da minha intervenção na sala sinodal, 15 de outubro de 2019, com motivo do Sínodo Pan-amazônico.
- 11 No texto original em grego, Rm 16:7, não está claro se é um homem ou uma mulher (o substantivo está no acusativo: *Ἰουρίαν* ou *Ἰουριᾶν*. No texto original, entretanto, ainda não havia acentos). Nos textos dos primeiros séculos, o

nome da mulher era indiscutível. Além disso, nenhum homem com o nome Junias é encontrado na literatura grega antiga, enquanto o nome feminino Junia era comum. João Crisóstomo († 407) praticamente elogia Júnia em seu comentário sobre a Epístola aos Romanos: “quão grande é a virtude dessa mulher, que era digna de ser chamada de apóstola” (*Hom. Rom.* 31, 2).

Roma locuta, ¿causa finita?

Erwin Kräutler



Erwin Kräutler nasceu em Koblach, Vorarlberg (Áustria), em 12 de julho de 1939. Entrou para os Missionários do Preciosíssimo Sangue em 1958. Estudou filosofia e teologia em Salzburgo. Imediatamente após sua ordenação sacerdotal em 1965, assumiu sua vocação como missionário em Altamira, na região amazônica do Brasil.

Durante 34 anos, entre 1981 e 2015, foi bispo da prelazia do Xingu, a maior jurisdição eclesiástica do Brasil, com uma área geográfica de 365.000 km², onde vivem cerca de 600.000 pessoas, incluindo um grande número de indígenas.

Por mais de 50 anos, ele se destacou por seu compromisso com os direitos dos povos indígenas, a proteção do meio ambiente e a

missão da Igreja Católica na Amazônia. Em 2007, ele participou da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano em Aparecida (Brasil) e, em 2019, como bispo emérito, da Assembleia Especial do Sínodo dos Bispos para a Região Pan-Amazônica.

Por que não é permitida a ordenação sacerdotal das mulheres? Erwin Kräutler é categórico ao dizer: "Não encontrei uma resposta que possa me convencer". O bispo emérito da Prelazia do Xingu, a maior jurisdição eclesiástica do Brasil, apresenta vários argumentos sobre o assunto, considerando que "pelo menos dois terços dessas comunidades são hoje lideradas por mulheres". Ele está ciente de que "enquanto as mulheres e os homens casados forem excluídos do sacerdócio ordenado, não haverá celebração da Eucaristia em milhares de comunidades cristãs lideradas por elas". Diante das necessidades pastorais de hoje, essa questão não pode ser negligenciada. Além disso, "não há absolutamente nenhuma evidência de que um homem sempre presidiu a Eucaristia na Igreja primitiva", diz ele.



Observatório
Latino-americano
da Sinodalidade

ISBN: 978-9915-9342-8-0



9 789915 934280